Fabulação narrativa. Entre mitos, dentes e entes, práticas intuitivas de sobrevivência: o corpo-amuleto como dispositivo de memória

Narrative fabulation. Among myths, teeth and beings, intuitive survival practices: the body-amulet as a memory device

Ana Clara Badia Guinle[1]

Resumo

Da perda ao rito, a narrativa é acionada por dentes deslocados da boca, que operam como disparadores para fabular os restos de si como potências: arquivos biológicos, corpo-amuleto e dispositivos de memória, vieses que também tensionam fronteiras éticas e políticas, refletindo sobre preservação, violação e crime. O texto e as imagens desenvolvidos pela autora integram um processo coletivo de "compostagem", realizado no curso "Reescrituras cênicas e a crítica da violência ética em contar-se a si mesmo", ministrado por Martha Ribeiro no âmbito da pós-graduação em Artes da Cena da UFRJ. Nesse contexto, teceram-se diálogos entre artistas-pesquisadores da cena expandida, mobilizados pela Teoria da Bolsa de Ficção, de Ursula K. Le Guin, e pelas fabulações especulativas (SF), de Donna Haraway. Colocando-se como crítica poética, a fabulação não busca resolver os dilemas que convoca, procura habitar as bordas da perda, insistindo que narrar é também disputar o direito de guardar, lembrar e sobreviver.

Palavras-chave: Bolsa de ficção; Fabulações especulativas; Compostagem; Relatar a si; Ritual.

Abstract

From loss to ritual, the narrative is triggered by displaced teeth, which act as catalysts to fabricate the remnants of the self as potencies: biological archives, body-amulet, and memory devices, biases that also strain ethical and political boundaries, reflecting on preservation, violation, and crime.

The text and images developed by the author are part of a collective "composting" process, carried out in the course "Relating to Oneself," taught by Martha Ribeiro as part

[1] Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena (PPGAC) na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestra em Artes Visuais (PPGAV) e graduada em Pintura, ambas as titulações pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA/UFRJ). E-mail: anaclaraguinle@gmail.com.

of the postgraduate program in Performing Arts at UFRJ. In this context, dialogues were woven between artist-researchers of the expanded scene, mobilized by Ursula K. Le Guin's Theory of the Fiction Bag and Donna Haraway's speculative fabulations (SF). Positioning itself as poetic critique, the fabulation does not seek to resolve the dilemmas it evokes, but rather to inhabit the edges of loss, insisting that narrating is also disputing the right to keep, remember, and survive.

Keywords: Fiction bag; Speculative fabrications; Composting; Reporting to oneself; Ritual.





Quando um frio silêncio tomou conta do ambiente, pude notar aquela moça se aproximando. Olhos eu não via, usava óculos escuros. O ar ao redor oscilava entre temperaturas, e as luzes do consultório tremulavam. Ela se aproximava mais e mais de mim. A cada micromovimento, o tempo espiralava e tudo aquilo que minha visão captava recebia textura de sonho.

Suavemente, ela abria e fechava suas asas como se ameaçasse levantar voo, mas, ao invés de voar, abria frestas no tempo. Estranhamente, o medo não se instalou ali, embora a atmosfera fosse confusa. Asas? Como assim? Preferi interpelar a tal mulher alada que vinha precisamente na minha direção, levitando com os pés rentes ao chão.

Quem é você?, perguntei.

Quanto mais eu a observava, menos compreendia. Que corpo é esse que parece ter ossos de isopor?, pensei.

Naquela sala asséptica, algo de outro mundo se anunciava. Ou seria minha existência nesse mundo se transformando?

Por que pousar diante de mim justo agora?

Sem respostas, insisti:

Quem é você? És mulher ou o quê?

Ainda sem respostas, fui atravessada por um pranto contínuo, desses que antecipam o sofrimento da perda. Chorei!

Apesar de ser coisa banal numa sala de dentista, perder uma parte de si é um tipo de dor cortante. Foi sabendo disso que aceitei a picada anestésica, só porque a dor de perder um dente é agonizante.

E então compreendi: ela veio buscá-lo!

Pouco antes da anestesia, eu havia feito um pedido. Desde pequena fui ensinada a acreditar na existência da fada, mas nunca havia me perguntado o porquê dela coletar tantos dentes. De repente, as asas já não eram mais um assunto urgente. Passei a me interrogar sobre o gesto. O que eu realmente intuía que precisava entender era: por que ela recolhe dentes? Como e onde guarda sua coleção? E por que sua presença é súbita, furtiva, mas, ao mesmo tempo, tão leve?

Essas perguntas ativaram algumas memórias de infância.

A experiência de ter um dente pendente na boca foi um tanto traumática. Quando ainda pedaço de mim, mas já pendurado pela gengiva, temia engoli-lo. É desesperadora a

possibilidade de engolir parte de si. Coisa estranha imaginar-me comendo acidentalmente meu próprio dente, ou, pior, morrer engasgada com um pedaço de mim. A cada refeição, o risco e a insegurança se ampliavam. Para arrancá-lo de vez, cogitei o método do barbante, mas não tive coragem de bater a porta. Quando finalmente descolou de minha gengiva, senti algo que nunca havia sentido: um enorme buraco existencial.

Quando perdi o primeiro dente,
minha bisavó fez dele um pingente.
Com suporte e argolinha folheados a ouro,
minha dor tornou-se tesouro.
Da boca, passou a habitar no peito.

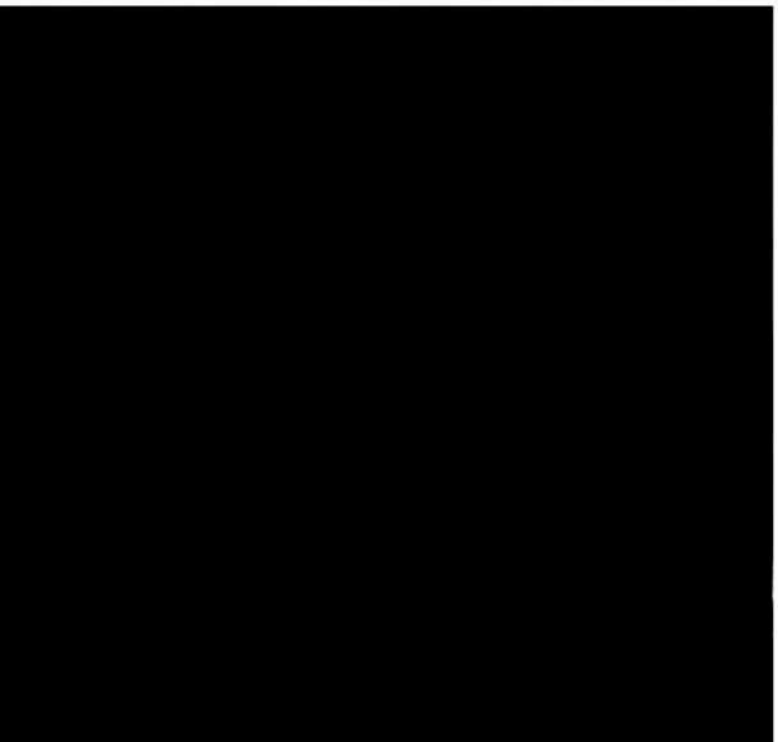
Um deslocamento simbólico: parte do corpo que morre e se desmembra, ao invés de desaparecer retorna para o corpo, em outro lugar. Um corpo, nem tão meu, atravessado pela potência da dor e tomado como amuleto. Foi assim que meu primeiro dente de leite perdido, foi ressignificado.

A narrativa era bonita, mas…

sabendo que aquele era apenas o primeiro de 20 dentes de leite que cairiam para dar lugar aos permanentes, imaginei coisas. E só de imaginar, senti novamente aquele nervoso: a tensão de ter um fragmento de mim mesma pendurado por dias na boca. Imaginei também um amuleto meio mórbido: um colar com toda a minha arcada dentária de criança. Isso me deu medo.















Acalentou-me minha mãe, quando disse que para cada dente perdido e oferecido à fada, um pedido poderia ser feito. E que, antes de dormir, deixando o dente embaixo do travesseiro, a fada vinha buscá-lo, realizando a troca: um dente por um desejo atendido. Para minha surpresa, na primeira vez que realizei tal ritual, a fada me deixou um presente. Tratava-se de uma lancheira para armazenar e levar as comidinhas para a hora do lanche da escola. Por essa perspectiva, a perda parecia reverter-se em ganho. E somava-se bem à visão da minha bisavó, a Oma, que insistia que o primeiro dente perdido deveria ser guardado como amuleto.

Foi deitada na cadeira do dentista para a retirada de um siso, conversando com a tal fada que não respondia com palavras, que tive a dimensão do quão rico é esse ritual. Em fases de transformação intensa e contínua, perder um dente pode provocar grande insegurança. A movimentação da arcada dentária conecta-se de modo impressionante às nossas mudanças sutis e também às nossas raízes. Heranças ancestrais e genéticas, os dentes se afiam na luta pela sobrevivência. E, como tudo o que é imprescindível à vida, a comida é fundamental. Uma lancheira para transportar alimentos não foi um presente aleatório. E, pensando nisso…

Oma sobreviveu à Segunda Guerra Mundial. Contava histórias de fome. De mulheres que, como sua mãe, resistiram coletivamente, alimentando a si e aos filhos com as cascas de batatas que a vizinha repartia. Talvez, para ela, carregar um dente no pescoço fosse como um soldado portar sua identificação: prova de que ainda se está vivo, mesmo atravessado por inúmeras perdas. Um lembrete de si em estado de dor e resistência.

Hoje sabemos que nos dentes — especialmente nos de leite e nos sisos — o DNA permanece preservado. Pequenos arquivos biológicos, cápsulas de células-tronco, nos dentes há prova insistente de nossa existência. Diante desses devaneios desencadeados, concluí incerta: talvez seja por isso que a fada os colecione. Uma coleta feita por uma mulher alada, capaz de transitar entre DNAs, entre tempos. Daí aquele sentimento que a presença da fada provocou: de um tempo outro, espiralado. Um corpo-fada capaz de habitar o mito e o arquivo, o sonho e a evidência. Como diz o ditado: não creio em bruxas, mas que elas existem, existem. Na boca do povo: dentes, bruxas e fadas guardam as histórias não contadas, as memórias dos membros amputados, dos sobreviventes que perderam entes e dentes.

Completamente tomada por essas reflexões, segui confusa, mas aos poucos meus olhos desembaçavam — ou seria uma névoa a dispersar?

Enquanto o dentista aguardava o findar do efeito da anestesia, contei a ele. Contei que tenho um pingente com meu próprio dente de leite. Contei que guardo meus sisos e os de pessoas queridas na mesma caixinha em que coleciono dentes de animais encontrados na terra e praias. Contei que fui presenteada com um colar de dente de boi, que uso até hoje. E expliquei que são amuletos, arquivos afetivos, uma coleção que utilizo para criar imagens artísticas, para acionar minhas especulações. Foi contado a ele sobre minha coleção, que percebi: não era ela que vinha buscar o dente. Era eu.

A fada nunca esteve diante de mim, ela me compõe. É projeção, meu duplo. Sempre habitou este corpo que coleciona, guarda e transforma restos. Sou eu quem se recusa a deixar que certas partes desapareçam sem ritual. A mulher alada vinha do mito e emergia na minha própria prática.

Ao sair do consultório, ainda sob o efeito da anestesia, fui abordada pela polícia. Incrédula, percebi: o dentista me delatou!

Aos olhos da lei, é proibido portar dentes, eles são restos humanos. O que para mim era arquivo e repertório, para o Estado era infração. O que para o mito é coleta necessária, para a lei é crime. Restos humanos são regulados, disseram. Ali, diante da interdição, questões éticas se impuseram:

Quem pode guardar partes de um corpo?

Quem decide o destino dos restos?

Onde termina o cuidado e começa a violação?

O que diferencia memória de apropriação?

Metida nessa situação, lembrei de histórias contadas por amigos. Narrativas que de alguma maneira se assemelham às inquietações travadas naquele turbulento e revelador dia nublado. Como, por exemplo, a curiosidade de Pedro sobre a vida de seu avô, um homem que sofria com surtos delirantes traumáticos — alguém que, em determinado momento da vida, salvou sua própria mãe de um suicídio na banheira. Durante a exumação do corpo do avô, Pedro subornou o coveiro e o homem lhe deu um grande osso, um pedaço de seu avô, o qual guardou por muito tempo. Anos depois, durante a pandemia, ele contou que sentiu que o osso trazia azar. Por isso, o enterrou, mas ficou com

os diários do avô. Confesso que fiquei um pouco intrigada quando ele leu uma lauda escrita por seu velho, escrita íntima que registrava um sonho datado de 9 de abril de 1969.

Fiquei pensando: há invasão de privacidade no arquivo de um morto? O que fazer com esses escritos? Qual é a responsabilidade ética diante de um segredo que sobreviveu ao corpo? E o osso — como os dentes, o que retém? O que viola?

Também lembrei de Aurélio e sua relação com a caixa do pai — um envoltório onde guardou seus últimos textos escritos antes da morte. Inspirado por esse objeto e as traças que habitavam em seu interior, Aurélio escreveu um diálogo ficcional entre a traça e a própria caixa. A traça que consome, a caixa que preserva. Tanta coisa aí, pensei!

Recordei também da minha amiga Lu, que trata com tanta importância o gorro vermelho que sua mãe fez à mão. Um gorro que foi dela, que aqueceu sua cabeça em outro tempo, e que agora passou para seu filho. Um objeto simples, para muitos sem valor, mas para Lu, carregado de afeto que atravessa gerações. Uma espécie de amuleto?

Rever e ressignificar: escritos, objetos, pedaços de corpos, assim como os lugares onde os guardamos, são exercício de preservar memórias, contar histórias. Alguns fragmentos são aceitos como herança, alguns podem circular, outros devem ser enterrados, escondidos, regulados. Entre rito e lei, no final das contas, a luta é pelo direito de narrar e contar histórias. Talvez a fada dos dentes exista justamente nesse limiar: entre o permitido e o proibido, entre o afeto e a norma, entre o mito e a biopolítica.

No fim, sigo caminhando nas bordas. Nas bordas daquilo que chamamos de perda. E os dentes, esses pequenos fósseis, são partes que insisto em guardar. São amuletos que marcam eventos corporais de dor e sobrevivência, os quais sigo temendo engolir.





Referências da disciplina

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Tradução de Bhuvi Libânio. Recife: Cepe, 2020.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no chthluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

LE GUIN, Ursula K. The carrier bag theory of fiction. *In*: LE GUIN, Ursula K. **Dancing at the edge of the world**: thoughts on words, women, places. New York: Grove Press, 1989.

LE GUIN, Ursula K. **A teoria da bolsa da ficção**. Tradução de Luciana Chieregati e Vivian Chieregati Costa. Introdução de Juliana Fausto. Posfácio de Luciana Chieregati. São Paulo: n-1 edições, 2021.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**: relatório para uma academia de psicanalistas. Tradução de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

RIBEIRO, Martha. Interromper o espetáculo: o gesto político e estético das emoções. **Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, [S. l.], v. 13, n. 27, p. 49 – 72, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/41744. Acesso em: 07 mar. 2026.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

Figuras

As figuras foram produzidas pela autora da presente fabulação e integram a narrativa, sendo compreendidas como imagens intrinsecamente vinculadas ao texto. Todas elas foram produzidas entre dezembro de 2025 e janeiro de 2026 e nenhuma delas possui título (p. 34-35; 38-39; 43; 44; 46).

Submetido em: 9 mar. 2026
Aprovado em: 5 jul. 2026

